

INSTITUTO NACIONAL
DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

CENTRO DE ESTUDOS CLASSICOS

FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

EVPHROSYNE

REVISTA DE FILOGIA CLÁSSICA

NOVA SÉRIE — VOLUME XXI

SEPARATA

JOSE D'ENCARNAÇÃO

A investigação sobre o Período Romano
em Portugal



LISBOA • 1993

A investigação sobre o Período Romano em Portugal

Publicou o Prof. José María Blázquez, no vol. XX (1992) de *Euphrosyne*, pp. 439-446, um balanço sobre a investigação científica desenvolvida na vizinha Espanha, durante os últimos cinco anos, relativa à problemática da chamada romanização peninsular.

Vários dos títulos citados por J. M. Blázquez prendem-se também, como é natural, com o território actualmente português. Um livro sobre a Lusitânia, por exemplo, dirá respeito obviamente a ambos os países, mesmo quando publicado por um investigador espanhol (é o caso da obra de Julián Francisco Martín, *Conquista y Romanización de Lusitania*, Salamanca, 1989). Justifica-se, porém, que idêntico panorama seja traçado para a investigação feita por portugueses: primeiro, porque, na verdade, os últimos cinco anos conheceram, entre nós, apesar de tudo, um renovado interesse pela Antiguidade Clássica e seus testemunhos; depois, porque nem sempre a informação do que se fez, se está a fazer ou se projecta fazer, circula com a eficácia desejável.

Regista-se, por isso, cada vez com mais frequência, a necessidade de se apresentarem novas sínteses e de, simultaneamente, se dar conta da bibliografia publicada.

Entre nós duas obras recentes fizeram o ponto da situação sobre o domínio romano. Devem-se ambas à iniciativa do Prof. Jorge de Alarcão, da Universidade de Coimbra. Refiro-me à edição inglesa do *Roman Portugal* (Warminster, 1988), cujo I volume (que tem versão portuguesa, editada no mesmo ano por Publicações Europa-América, sob o título *O Domínio Romano em Portugal*) consta de uma introdução geral ao Portugal romano, e o II, dividido em três fascículos (Porto, Bragança & Viseu; Coimbra & Lisboa; Évora, Faro & Lagos), inclui, devidamente cartografados, cerca de 3000 sítios onde há notícia de terem aparecido vestígios romanos. Ponto de chegada, a culminar perto de trinta anos de investigação em Arqueologia Clássica e História Antiga, a obra é também — e necessariamente — ponto de partida para novas e promissoras caminhadas, confirmando, corrigindo, ampliando o que ali ficou exarado (cf., por exemplo, a recensão de A. Marques de Faria, *Conimbriga*, 28, 1989, 53-69). Aliás, alguns desses outros horizontes já são alcançados no segundo trabalho a referir: o I volume da *Nova História de Portugal*, publicado pela Editorial Presença (Lisboa, 1990), sob a direcção do mesmo arqueólogo e historiador. A terceira parte do volume (pp. 343-489) traz nova síntese sobre «O Domínio Romano», dividida nos seguintes capítulos: a conquista do território, o reordenamento territorial, o Estado e o governo local, a demografia, a produção e a circulação dos produtos, a religião, a construção na cidade e no campo. Todos eles trazem a assinatura de Jorge de Alarcão, à excepção dos que tratam da demografia e da religião, que eu próprio tive ensejo de redigir.

De momento, por conseguinte, afigura-se-me cedo para nova síntese, embora já estejam em curso, neste final de 1992, outros projectos de histórias de Portugal que, necessariamente, irão actualizando os dados contidos nas anteriores. Por outro lado, a renovação do Museu Nacional de Arqueologia que veio expor em permanência o «Portugal das Origens à Época Romana» possibilitou igualmente, no respectivo catálogo (Lisboa, 1989, pp. 65-95), uma sugestiva apresentação e enquadramento histórico dos dados da cultura material mais significativos.

Hoje em dia, porém, embora com o natural atraso, já vão sendo regularmente divulgadas as iniciativas editoriais levadas a efeito por entidades nacionais ligadas à cultura ou por investigadores estrangeiros que trabalham na investigação do que foi a realidade romana no nosso País. Estou a recordar a crónica que, de cinco em cinco anos, é inserida na *Revue des Études Anciennes* (da Universidade de Bordéus III), da responsabilidade dos investigadores do Centre Pierre Paris, uma unidade de pesquisa do Centre National de la Recherche Scientifique que, desde há várias décadas, tem por missão o estudo da História Antiga peninsular, hodiernamente complementada e apoiada informaticamente pela Maison des Pays Ibériques da mesma universidade. A última crónica foi incluída no fascículo 3-4 do tomo CXI (1989) da revista e abarca o período de 1983 a 1987, abrangendo (pp. 199-266) todos os aspectos da pesquisa: as fontes (as literárias, a epigrafia e a numismática); os problemas relativos à história (política, militar e administrativa, social) e à religião; as questões que se prendem com a arqueologia e a economia.

É que, na verdade, o mundo, digamos assim, da História Antiga complexifica-se de dia para dia: temos, dum lado, a pesquisa em História Antiga propriamente dita; e, do outro, domínios como a Arqueologia, a Epigrafia e a Numismática, onde as descobertas se sucedem, os projectos de investigação se multiplicam, alimentando abundantemente novas sínteses.

Assim, aguarda-se para breve a publicação do volume de actas do II Congresso Peninsular de História Antiga (Coimbra, Outubro de 1990). Foi mais uma reunião de balanço e perspectivas, anunciando-se desde já, para 1994, a concretização do III Congresso, em Vitória (País Basco).

No âmbito da Arqueologia romana — e sem a mínima pretensão de ser exaustivo — as várias reuniões científicas de âmbito local recentemente realizadas têm-se revelado do maior interesse, apesar de nem sempre as respectivas actas serem publicadas em tempo oportuno. Recordo, a título de exemplo:

- as jornadas de estudo de Conimbriga (Outubro de 1988) subordinadas ao tema *Ânforas Lusitanas — Tipologia, Produção, Comércio*, e cujas actas saíram em 1990;
- a mesa-redonda internacional efectuada na atrás referida Maison des Pays Ibériques (Dezembro 1988) sobre *Les Villes de Lusitanie Romaine — Hiérarchies et territoires* (volume de actas publicado em Paris, em 1990), onde a parte portuguesa assumiu papel preponderante;
- as II Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Monforte, Abril de 1989), onde tive ensejo de apresentar a conferência «O Nordeste alentejano ao tempo dos Romanos — balanço e perspectivas da investigação», que vai ser integrada no volume 30 (1991) da revista *Conimbriga*;
- o II Colóquio Arqueológico de Viseu (Abril de 1990);
- as IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, Maio de 1990), onde diversas intervenções se situaram na área da Arqueologia Clássica (vide *Actas*, pp. 343-365);
- as I Jornadas de Arqueologia da Beira Interior (Castelo Branco, Maio de 1991).

Neste domínio, o papel das autarquias não pode — nem deve! — ser menosprezado, quer no apoio concreto aos trabalhos de campo quer também na vontade expressa de revitalizarem os núcleos museológicos à sua guarda. Assim, a Câmara Municipal de Moura abriu ao público, em Novembro de 1988, o núcleo romano do museu municipal, circunstância que serviu de pretexto para uma interessante publicação monográfica, *Moura na Época Romana* (Moura, 1990).

E — de certo modo na sequência da nota que escrevi em 1985, de colaboração com o Prof. Jorge de Alarcão («L'activité archéologique au Portugal», *Nouvelles de l'Archéologie*, 21, Automne 85, pp. 16-18) — interessará referir, sobre este tema, dois aspectos da actividade arqueológica em curso em Portugal.

O primeiro diz respeito ao enquadramento institucional da Arqueologia. Integrado na orgânica do (actual) Instituto do Património Arquitectónico e Arqueológico, o Departamento de Arqueologia superintende, na prática, a todas as acções que visem a escavação, preservação e valorização dos sítios, no âmbito dum plano nacional superiormente delineado e aprovado. Por outro lado, os resultados anuais obtidos foram regularmente consignados, desde 1978 a 1986, na revista *Informação Arqueológica*, cujo reaparecimento aqui se augura, dada a sua reconhecida utilidade.

O segundo aspecto prende-se com a tendência, que também entre nós se vai registando, de se proceder a cuidadosa musealização dos sítios, tendo em vista a sua mais adequada fruição por parte dos visitantes: cf., a este propósito, a panorâmica que tracei na revista *Biblos* (65, 1989, 201-220), sob o título «A Arqueologia na modificação da paisagem». Miróbriga e São Cucufate podem citar-se como exemplos.

Miróbriga, junto a Santiago do Cacém, que fora escavada ao tempo de D. Fernando de Almeida, tivera recentemente outra intervenção, fruto da colaboração entre o então Serviço Regional de Arqueologia do Sul e arqueólogos da Universidade do Missouri. Os resultados obtidos foram publicados, em Oxford (1988), com a assinatura de William R. Biers: *Mirobriga. Investigations at an Iron Age and Roman site in southern Portugal by the University of Missouri - Columbia (1981-1986)*. Sobre este trabalho publicou Jorge de Alarcão circunstanciada recensão no vol. 28 (1989, pp. 243-245) de *Conimbriga*.

A villa romana de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira) foi alvo de ampla campanha de escavações desde 1979 a 1984, a que se juntaram outros trabalhos, designadamente de limpeza e de sondagem, nos três anos seguintes. O relatório-síntese da escavação (J. Alarcão, R. Étienne e F. Mayet, *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris, 1990, 2 volumes, sendo o segundo apenas de ilustrações) constitui, sem dúvida, uma obra exemplar, dado, inclusive, o seu pioneirismo, como primeira síntese das várias fases de ocupação duma importante — e imponente — villa romana do Sul de Portugal (vide recensão de Maria Manuela Martins in *Conimbriga*, 20, 1991).

A temática dos mosaicos tem sido alvo de diversos estudos parcelares. Um projecto de investigação, em curso, sob orientação das Dras. Janine Lancha e Maria Adília Alarcão, tem como objectivo a revisão sistemática do seu estudo, a começar pelos mosaicos de Torre de Palma e, de um modo geral, do Sul do País. E prevê-se para os primórdios de 1993 a publicação do circunstanciado estudo de J. M. Bairrão Oleiro sobre os mosaicos de Conimbriga.

Merece relevo a actividade desenvolvida em Braga, onde, desde meados da década de 70, se prossegue o chamado «salvamento de Bracara Augusta». Uma bem elaborada e exaustiva síntese das conclusões a que já foi possível chegar vai ser publicada por Manuela Martins e Manuela Delgado, sob o título «História e Arqueologia duma cidade em devir: Bracara Augusta», no número duplo, 6-7, de 1989-1990, da revista *Cadernos de Arqueologia*, publicação cuja II série (4 números publicados desde 1984) importa também referir. Aliás, os investigadores da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho não se têm limitado ao perímetro urbano da cidade

de Bracara: Manuela Martins publicou uma notável monografia, *O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado* (Braga, 1990), onde, pela primeira vez e duma forma sistemática, se aplicam entre nós os modernos conceitos de arqueologia espacial; e, seguindo a mesma linha metodológica, Francisco Sande Lemos está a ultimar a sua dissertação de doutoramento sobre a ocupação do território do actual Nordeste transmontano ao tempo dos Romanos.

Com a Arqueologia se prende, de modo particular, a caracterização das actividades económicas. Neste domínio, para além das sínteses referidas, cumpre-nos salientar a investigação levada a cabo por dois investigadores estrangeiros: J. C. Edmondson, *Two industries in Roman Lusitania: mining and garum*, Oxford, 1987 (cf. pormenorizada recensão, de Jorge de Alarcão, in *Conimbriga*, 28, 1989, 236-243) e Claude Domergue, *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*, Roma, 1990, já referido também por J. M. Blázquez e comentado por J. Alarcão (*Conimbriga*, 29, 1990, 155-157).

Relevante é, igualmente, o dinamismo registado nos últimos anos em relação aos estudos epigráficos.

Destinado a recolher apenas inscrições inéditas, o *Ficheiro Epigráfico*, que se publica em Coimbra desde 1982, já vai no seu 40.º volume, nele se tendo estudado, de então para cá, cerca de cento e oitenta novas epígrafes do território nacional. Manuela Alves Dias vem dando conta sistematicamente, nesta revista, desses últimos testemunhos encontrados (cf., por exemplo, *Euphrosyne*, XX, 1992, 467, onde se referem os artigos anteriores), daí passando para a *Hispania Epigraphica*, publicação recém-criada em Madrid (dois volumes relativos a 1989 e 1990, respectivamente).

E se a obra, em dois volumes, de Antonio Rodríguez Colmenero, sobre a epigrafia de Aquae Flaviae, meritariamente editada pelo município de Chaves, em 1987 e 1988, pode merecer algum reparo do ponto de vista das interpretações e das leituras apresentadas (cf. recensão, de José Manuel Garcia, na *Conimbriga*, 27, 1988, 211-216), não é menos verdade que ela deu a conhecer inúmeros documentos e chamou a atenção para a importância de outros. Vem, de resto, na sequência dessa investigação, a recente realização em Santiago de Compostela (Julho de 1992), de um simpósio internacional sobre epigrafia rupestre que teve o condão de realçar o elevado interesse histórico de que, neste âmbito, se revestem os testemunhos do Norte do País, desde o santuário de Panóias (cujas epígrafes acabam de ser revistas por Géza Alföldy) à bracarense Fonte do Ídolo.

Não valerá a pena repetir aqui o balanço que tive ensejo de apresentar ao X Congresso Internacional de Epigrafia Grega e Latina (Nîmes, Outubro de 1992), onde, inclusive, Carmen Castillo, da Universidade de Navarra, relatou também a actividade epigráfica desenvolvida na Península Ibérica nos últimos cinco anos (texto que publicará num dos próximos números de *Emerita*); seja-me, porém, permitido realçar dois trabalhos que exemplificam, de certo modo, a variedade de contributos que a epigrafia pode dar à História Antiga.

O primeiro é a reedição facsimilada das *Religiões da Lusitânia*, de Leite de Vasconcelos (Lisboa, Imprensa Nacional, 1988-1989), obra que, para a época romana, fundamentalmente se baseia nos monumentos epigráficos, reedição que foi complementada por um quarto volume, da autoria de José Manuel Garcia, intitulado *Religiões Antigas de Portugal* (1991), onde se faz o ponto da situação acerca de todas as epígrafes relativas aos cultos.

O segundo trabalho é da autoria de Leonard A. Churchin: *The local magistrates of Roman Spain* (Toronto, 1990). A epigrafia como fonte para o estudo da dinâmica social (cf. recensão de Jorge de Alarcão, *Conimbriga*, 29, 1990, 154-155).

VARIA NOSCENDA

A tese de Rui M. S. Centeno, da Universidade do Porto, intitulada *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Porto, 1987 (cf. recensão, de Maria da Conceição Lopes, in *Conimbriga*, 29, 1990, 189-191) abriu, sem dúvida, novas perspectivas num domínio científico — a Numismática — que, apesar dalguns artigos dispersos, aparentemente pouco terá avançado, entre nós, depois do volume III das *Fouilles de Conimbriga* (Paris, 1974), da autoria de Isabel Pereira, Jean-Pierre Bost e J. Hienard, dedicado exclusivamente aos achados monetários resultantes das campanhas luso-francesas naquela cidade.

Isabel Pereira e Jean-Pierre Bost também tiveram a seu cargo o estudo do catálogo das moedas da já referida *villa* de São Cucufate; e jovens investigadores como António Marques Faria, em Lisboa, e Maria da Conceição Lopes, em Coimbra, poderão — além (obviamente) de Rui Centeno — vir trazer novo ânimo a este importante tipo de estudos.

Termino com uma perspectiva encorajadora, em meu entender, resultante de vários factores:

- o grande interesse que os estudos arqueológicos e da História Antiga estão a despertar na população, inclusive como forma de melhor conhecermos as nossas raízes, a nossa identidade específica no seio da Comunidade Europeia;
- a criação, nas universidades, de novos cursos de licenciatura e de pós-graduação em que a Arqueologia é habitualmente contemplada;
- o cada vez maior e mais sincero intercâmbio ¹⁵ que se está a registar entre investigadores e arqueólogos não só das diversas regiões peninsulares como, inclusive, da Europa.

É que, na verdade, as nações ocidentais brotaram, de facto, duma civilização comum, a romana. Que teve altos e baixos. Fulgores e escuridões . . . Estudando-os, compreender-nos-emos melhor.

RÉSUMÉ

Bilan de la recherche menée à bout au Portugal, dans les dernières cinq années, sur l'histoire de la période romaine. La plus importante bibliographie sur l'Histoire Ancienne proprement dite, sur l'archéologie, l'épigraphie et la numismatique, publiée dans des revues spécialisées ou présentée à des réunions scientifiques.

Universidade de Coimbra

José d'Encarnação